



O Pequeno Príncipe



O Essencial é Invisível



ADAPTAÇÃO ILUSTRADA DA OBRA DE
ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY



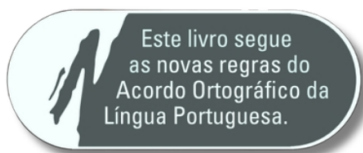
Maynara Abreu

O Pequeno Príncipe
O Essencial é Invisível

Copyright ©
BaixeLivros
2026

Capa e projeto
Hércules Macedo

Preparação e revisão
Maynara Abreu



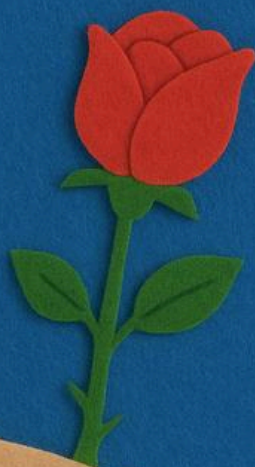
Este material foi enviado e devidamente autorizado pelo responsável legal, autorizando sua disponibilização gratuita e integral por meio da plataforma BaixeLivros.

Caso deseje compartilhá-lo fora deste ambiente, é necessário obter a devida permissão.

Além disso, a licença gratuita concedida para este material poderá ser alterada futuramente a critério do autor.

Reforçamos o compromisso com a ética e a valorização do trabalho dos autores, tradutores e editores, oferecendo acesso responsável à leitura.

Para ler este e outros títulos, acesse: www.baixelivros.com.br



O Pequeno Príncipe acordou.
O céu estava azul.
As estrelas tinham ido dormir.
A rosa dormia também, com os
espinhos recolhidos.



Tudo estava bem.
Mas ele sentia... um vazio.
“Não é fome”, ele pensou.
“Não é sono. Nem saudade.”
Era um buraco que não se via.





Ele regou a rosa. Escovou os vulcões.
Sentou-se. Pensou.
— Por que estou aqui? — ele perguntou
baixinho.
E como ninguém respondeu, ele pegou
seus passarinhos.
E partiu.





O Pequeno Príncipe chegou num
planeta redondinho, cheirando a
chuva e primavera.

Havia só uma flor. Só ela.

Sozinha, bem no meio.

Parada.

Esperando.





Ele se aproximou.

— Oi.

A flor tremeu as pétalas, como quem acorda.

— Você é o jardineiro?

— Não... só estou viajando.

A flor baixou as folhas.

— Ah...

— Está esperando alguém?

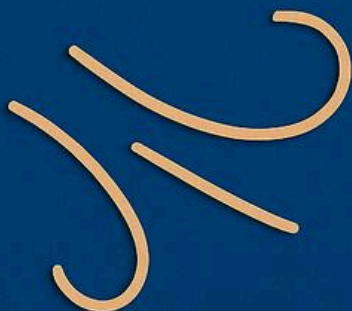
— Sempre esperei.



Esperei o sol.



Depois a água.



Depois o vento.



Depois... algo que faz tudo florir,
mas que eu nunca vi.





O Pequeno Príncipe sentou-se ao lado dela.

— E quem te plantou aqui?

A flor respondeu com calma:

— Não fui eu.

E nada nasce do nada.

Se eu estou aqui, alguém me quis aqui.

Ficaram em silêncio.



O Pequeno Príncipe olhou o céu.

Ali, bem no fundo do peito, o vazio dele mudou de forma.

Como se tivesse lembrado de alguma coisa antiga.





Ele despediu-se da flor, com um
beijo leve na folha.

E ela disse:

— Diz àquele que me plantou...
que eu continuo esperando.



O planeta era pequeno.
Tão pequeno que só cabia um
relógio.
E o relógio ocupava tudo.



— Oi — disse o Pequeno Príncipe.
O relógio não respondeu.
Mas não parou.
Tic. Tac. Tic. Tac.



O menino se sentou e ficou olhando.

— Você sempre faz isso?

— Isso o quê? — disse o relógio, sem parar.

— Esses sons. Esse vai e vem.

— Ah... isso é o que eu faço.

Marcar o tempo.

— E quem te ensinou?

— Eu não sei.

Tic. Tac. Tic. Tac.



O Pequeno Príncipe franziu a testa.

— Alguém deve ter te feito assim, não?

— Acho que sim. Mas nunca vi quem foi.

Tic. Tac. Tic. Tac.



O relógio parecia pensar — se é
que relógios pensam.



— Sabe... às vezes eu me pergunto:



Se eu tenho ponteiros que andam.

E números que contam.

+5



E engrenagens que giram...

Isso tudo deve ter vindo de algum
lugar, não?



O Pequeno Príncipe sorriu.
Era como a flor.
Nada nasce sozinho.
Nem quem conta o tempo.
Ele ficou mais um pouco ouvindo o tic-tac.



Antes de ir embora, perguntou:
— E o tempo... ele é de verdade?
— Não sei — respondeu o relógio.
— Mas alguém quis que eu o marcasse.



O Pequeno Príncipe partiu. Com a sensação de que o tempo tinha sido inventado por alguém que sabia esperar.







O planeta era seco.
Não tinha árvore. Nem sombra.
Só areia.
E silêncio.



O Pequeno Príncipe andou um pouco...
e encontrou um poço.





Mas não era como os outros.
Era um poço no meio do nada.
Com uma corda fina,
um balde antigo,
e um suspiro.



Ele puxou a corda.
A água veio devagar.

Chiiic...chiiic...





Ele bebeu.
Estava fria.
Boa.
Do tipo que mata a sede...
e outra sede também.



Então o poço falou.
— O balde não volta sozinho pro fundo.



O menino levou um susto.

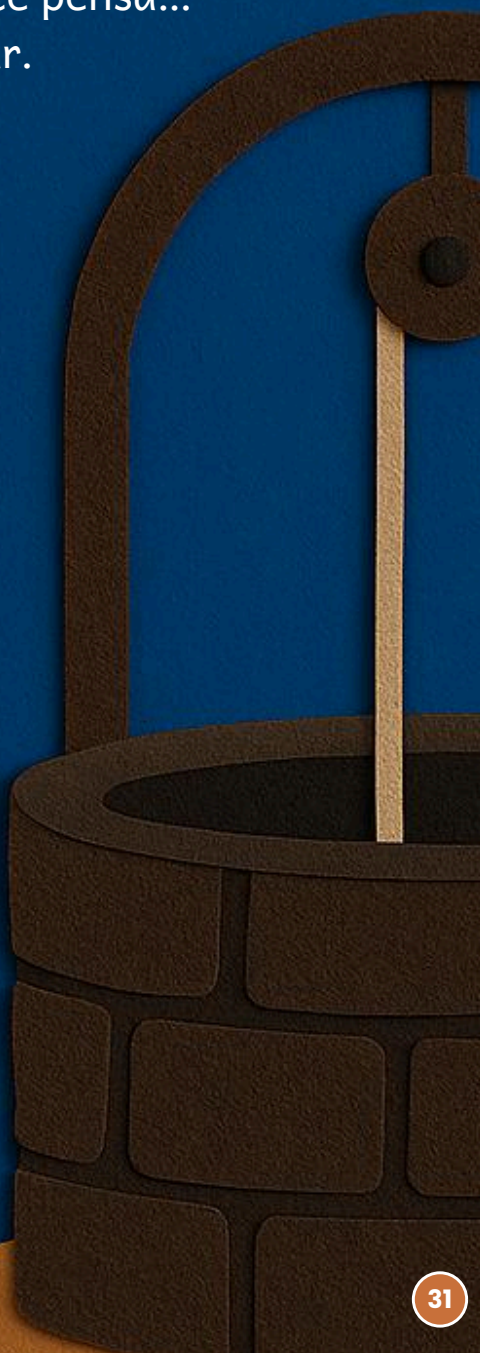
— Você... fala?

— Quando alguém escuta, sim.

— E de onde vem sua voz?



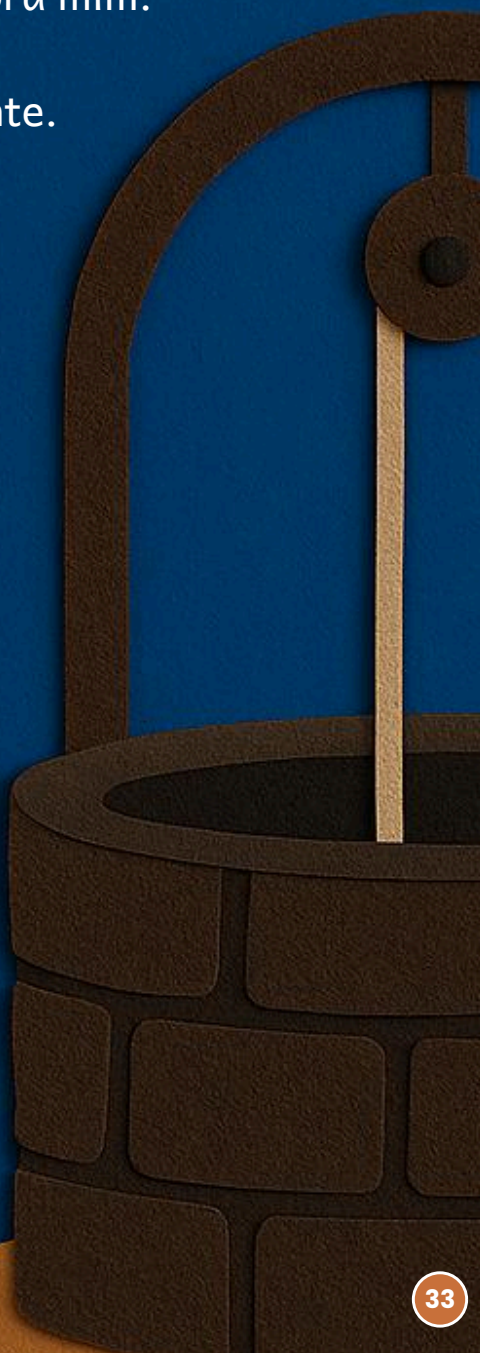
— Vem de onde vem o eco.
De onde vem o que você pensa...
antes mesmo de pensar.



O Pequeno Príncipe se sentou à beira.
— Você sempre esteve aqui?



— Eu fui cavado.
Alguém abriu espaço pra mim.
Fundo, fundo...
Até eu encontrar a fonte.



— E quem fez isso?
O poço ficou em silêncio.
Depois respondeu:
— Alguém que não se vê, mas que sabe
onde mora a água.





O Pequeno Príncipe olhou para dentro.
Não viu ninguém.
Só escuridão e reflexo.
Mas entendeu.
Nem tudo que existe precisa aparecer.
O que é mais importante...
às vezes fica escondido.

Ele se levantou.

— Obrigado.

O poço respondeu baixinho:

— A água agradece quando alguém tem sede de verdade.





Era um planeta frio.
Sem vento.
Sem som.
Sem nada que dançasse no ar.

O Pequeno Príncipe andava devagar,
pisando num chão cinza e liso,
quando viu... uma estátua.

Enorme.

Parada.

Com os olhos fechados e o rosto
quieto.

Parecia dormir.



Ele chegou perto.
— Você está bem?
Nada.
— Está com frio?
Silêncio.
O menino tocou a pedra.
Fria. Dura. Triste.



De repente, a pálpebra da estátua tremeu.

Uma mão moveu um dedo.

E a boca abriu, devagarzinho:

— Você... me empurrou?

— Só encostei — disse o Pequeno Príncipe, espantado.

— Então foi isso.

Fiquei muito tempo sem me mexer.

Mas agora... algo me moveu.



O menino pensou.

— Você não se mexia sozinho?

— Nunca. Eu só me movo... quando algo me toca.

A estátua parou. Pensou. Disse:

— Talvez tudo que se mexe...

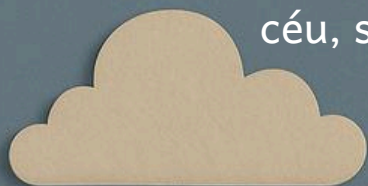
se mexa porque alguém começou o movimento.



O Pequeno Príncipe olhou
para o alto.



As nuvens, lá no fundo do
céu, se mexiam também.



E se tudo o que se move...
precisa ser movido...
quem moveu o primeiro?
Ele não disse nada.
Mas dentro dele,
uma ideia começou a andar.





Deixou a estátua com um aceno leve.
Ela respondeu:
— Obrigado por me acordar.
E ficou ali, imóvel de novo.
Mas agora... um pouco menos pesada.





O planeta era claro.
Tão claro que quase doía nos olhos.
Tinha árvores retas, pedras limpas,
e um lago parado como vidro.

No meio dele, um espelho.
Não pendurado.
Não embaçado.
Um espelho flutuava no ar,
brilhando como se guardasse o céu.



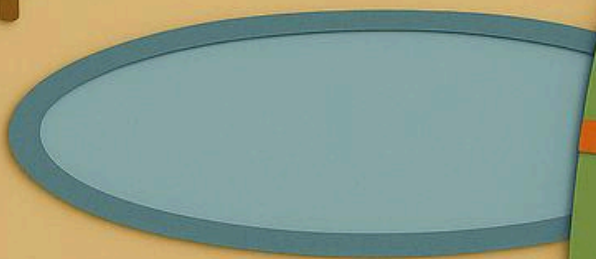
O Pequeno Príncipe se aproximou.

— Você me mostra como eu sou?

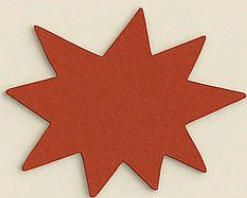
— Mostro mais do que isso — respondeu o espelho.



Ele olhou.
Viu seu rosto.



Mas também viu outras coisas:
Uma lembrança boa.
Uma raiva escondida.
Uma coragem quieta.
E uma pergunta que ainda não tinha nome.



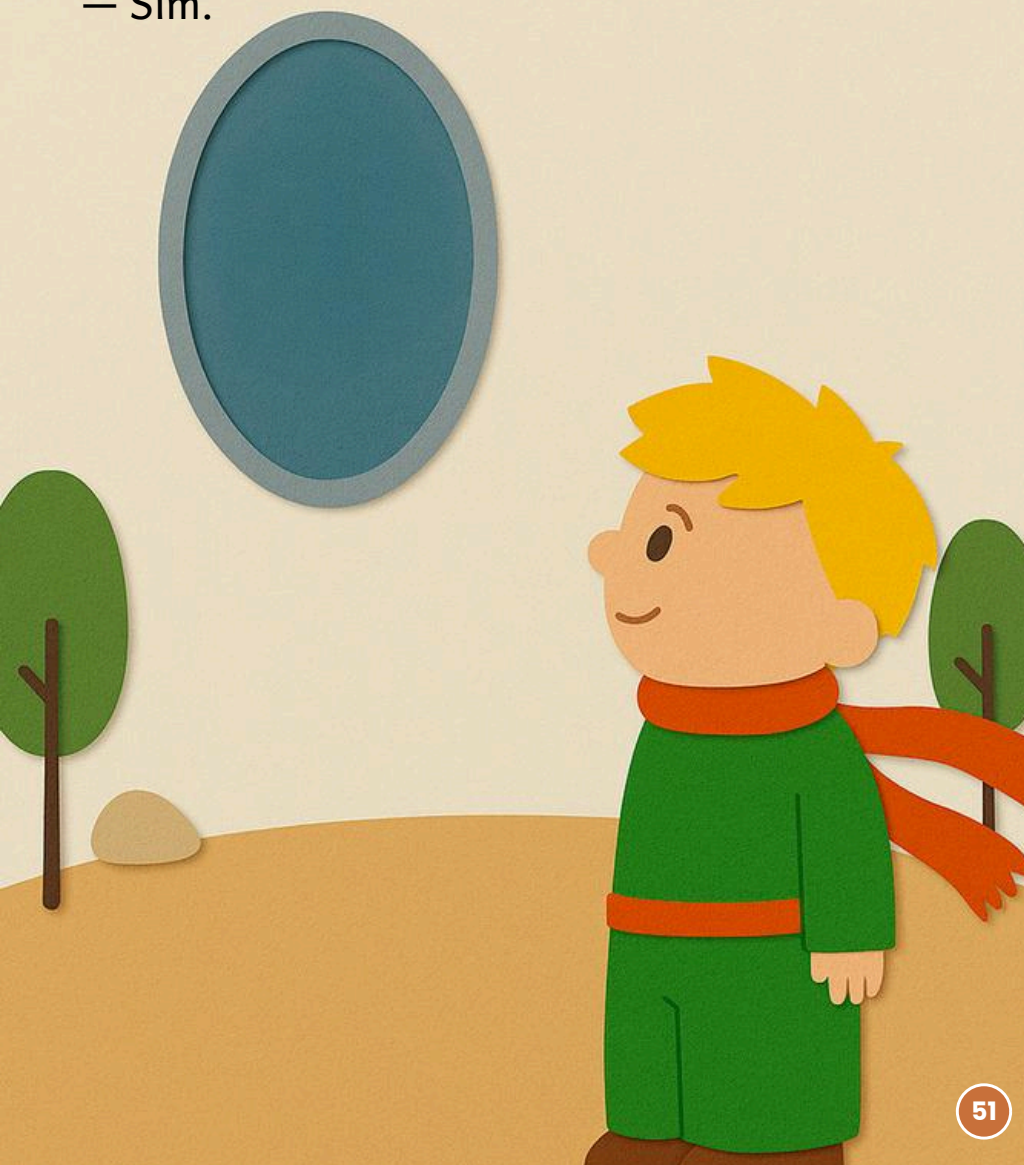
— Por que estou vendo o que está por dentro?

— Porque a verdade tem degraus — disse o espelho.

— E todos eles apontam para algo mais alto.

— Mais alto?

— Sim.





Se existem coisas boas, é porque há algo melhor.

Se existem coisas belas, é porque há uma beleza maior.

Se existem verdades, é porque há uma que nunca muda.

O menino tocou a superfície lisa.
— E onde está isso tudo?
O espelho respondeu com suavidade:
— Espalhado pelo mundo.
Mas inteiro... só no começo de tudo.



O Pequeno Príncipe se afastou devagar.
Sem palavras.

Mas com o coração tranquilo, como quem acabou de entender que tudo o que é bom, bonito e verdadeiro... está apontando para o mesmo lugar.





Antes de partir, o espelho disse:
— E lembre-se:
alguns reflexos não mostram o rosto.
Mostram o sentido.



The background is a dark blue night sky filled with numerous yellow stars of varying sizes. In the foreground, the curved horizon of a brown planet is visible. The planet's surface is marked with a network of intersecting lines, creating a grid-like pattern of paths. Small, dark brown oval shapes are scattered across the surface, particularly along the paths, representing footprints or craters. The text is written in a white, sans-serif font, positioned in the lower-left quadrant of the planet's surface.

O planeta era comprido.
Tão comprido que parecia não ter fim.
Tinha trilhas por todos os lados, rastros
cruzados, pegadas que voltavam para o
mesmo lugar.

O Pequeno Príncipe seguiu uma delas e encontrou um homem sentado sobre uma mala.

Ele tinha os olhos cansados, um caderno cheio de perguntas abertas, e um mapa que não apontava para lugar nenhum.



— Está esperando alguém? — perguntou o menino.

— Estou esperando uma resposta — disse o homem.

— Uma só?

— Aquela que dá sentido para as outras.

— Já andou muito?

— Mais do que devia.

Cada pergunta me levou a outra, e toda resposta durava pouco.

Comecei a duvidar até das certezas.



O Pequeno Príncipe se sentou ao lado.

— Já andei bastante.

Às vezes não encontrei o que queria...
mas sempre que busquei com sinceridade,
algo me apontou a direção.

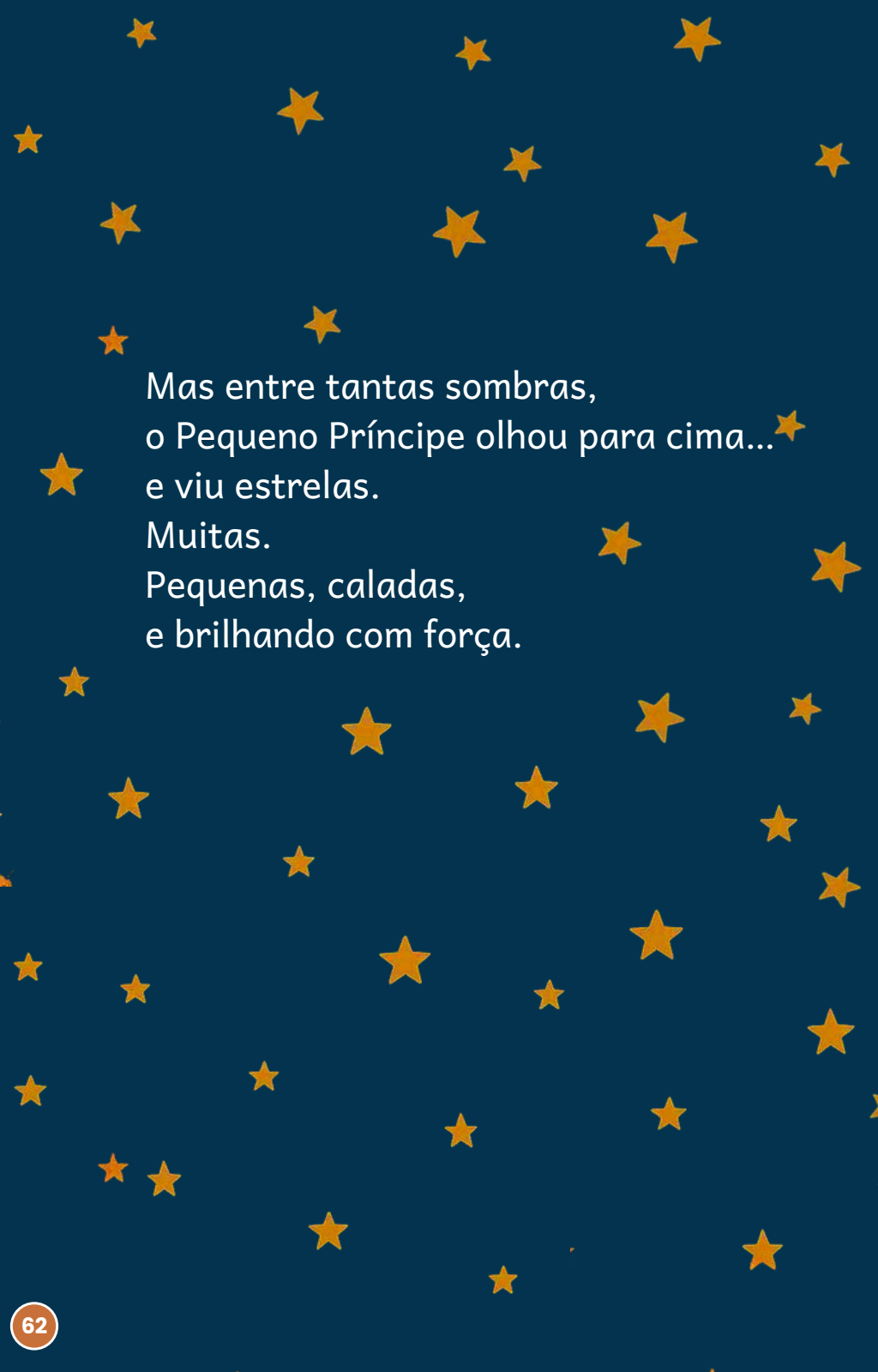
O homem não respondeu.

Apenas fechou o caderno, como quem
aceita descansar da própria pressa.



O céu estava escuro.
Mais escuro do que o normal.





Mas entre tantas sombras,
o Pequeno Príncipe olhou para cima...
e viu estrelas.
Muitas.
Pequenas, caladas,
e brilhando com força.

Ficaram em silêncio.
A noite ao redor era confusa,
mas o alto...
o alto parecia ter ordem.



— Talvez seja essa a razão delas existirem — disse o menino.

— São luzes quietas.

Estão lá, mesmo quando ninguém olha.

E quanto mais escura a noite, mais forte elas brilham.

Porque quando tudo parece confuso, são elas que apontam o caminho.



O homem levantou os olhos.
Pela primeira vez, sem procurar...
ele apenas olhou.
As estrelas não lhe deram respostas.
Mas também não fizeram perguntas.
Apenas estavam lá.
E isso bastou.



O Pequeno Príncipe se despediu.

O homem não disse nada.

Mas seus olhos ficaram voltados para o céu.

E o menino partiu, com os olhos menos perdidos.

Como quem entendeu que há luzes que não mudam o mundo, mas ajudam a encontrar o caminho.





Era o planeta mais simples de todos.
Não tinha árvore, nem flor, nem pedra.
Só chão macio... e céu muito grande.

O Pequeno Príncipe chegou e não viu ninguém.

Mas sentiu que não estava sozinho.

Sentou-se.

Esperou.

Ficou em silêncio, como se estivesse dentro de uma pergunta.



Então ouviu uma voz.

Não vinha do alto.

Nem de lado.

Nem de dentro.

— Você me procurava?

O menino olhou ao redor.

— Sim... acho que sim. Mas não sabia seu nome.

— Nomes são importantes, mas há coisas que se reconhecem antes de serem nomeadas.



O Pequeno Príncipe pensou nas estrelas,
no poço, na flor.

Em tudo o que parecia sussurrar o mesmo
segredo.

— Você estava em todos eles?

— Estava.

Sem aparecer.

Só sustentando o que existe.



— Então você é... o começo de tudo?

A voz ficou quieta um instante.

Depois respondeu:

— Sou o Começo, o Sentido e o Fim.

E mesmo quando você não me via, eu estava no que é bom, no que é belo, no que é verdadeiro.

E também... na sede.



O menino abaixou os olhos.
— Por que se esconde?
— Porque há verdades que não cabem
nos olhos.

É preciso ver com o coração em silêncio.

Ficaram assim por um tempo.

Nenhuma imagem.

Nenhuma explicação.

Mas tudo fazia sentido.



O Pequeno Príncipe se levantou.
— Agora eu sei que o Senhor
existe. Mesmo sem te ver.
A voz respondeu com doçura:
— E isso basta.
Ele partiu.



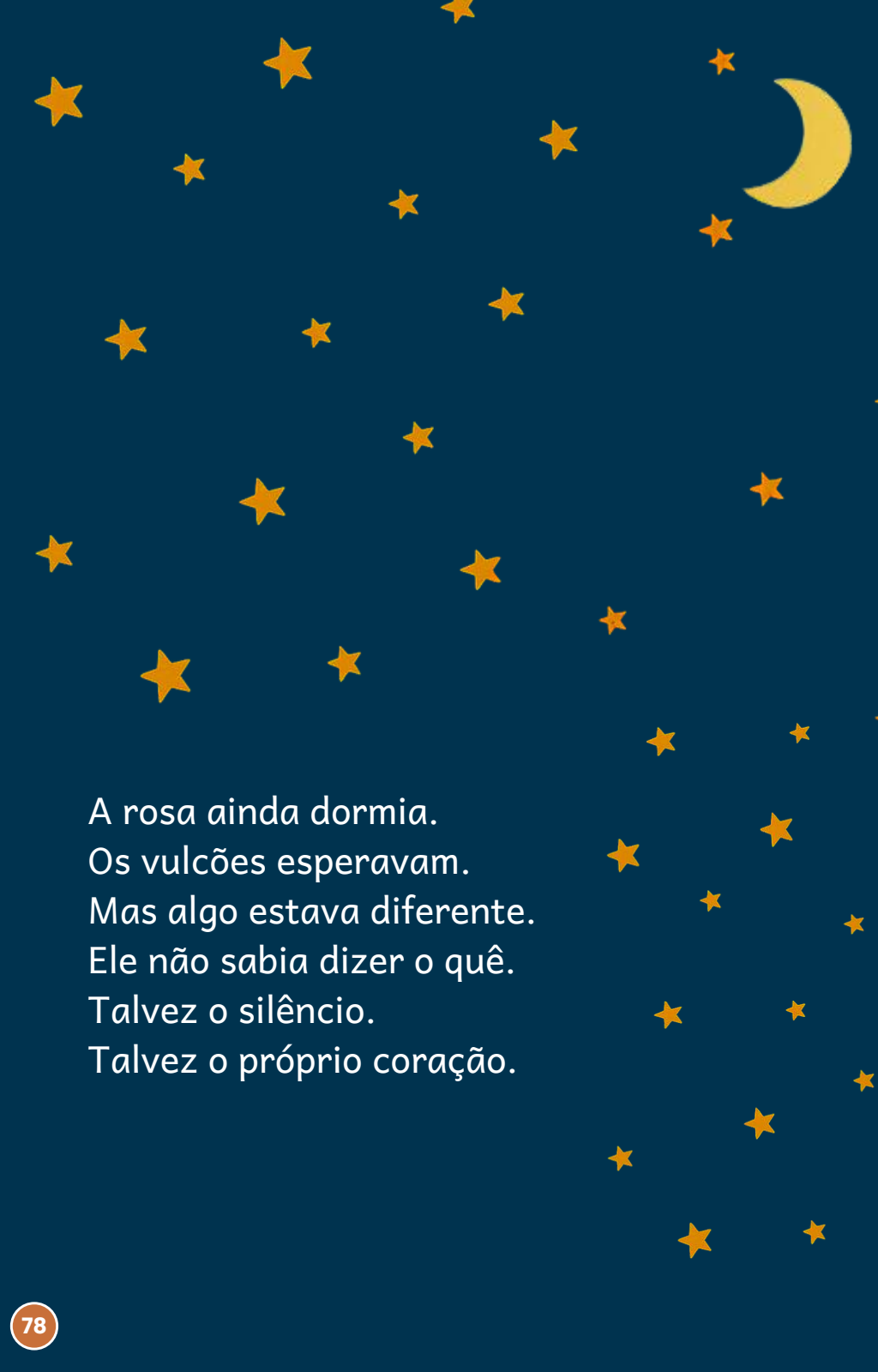
Ele partiu.
Não levou nada nas mãos.
Mas parecia mais leve.
Como quem já não carrega o
peso de estar perdido.







O Pequeno Príncipe voltou ao
seu planeta.
As estrelas ainda brilhavam.



A rosa ainda dormia.
Os vulcões esperavam.
Mas algo estava diferente.
Ele não sabia dizer o quê.
Talvez o silêncio.
Talvez o próprio coração.

Regou a rosa com
mais cuidado.



Limpou os vulcões com mais paciência.
Sentou-se no mesmo lugar de sempre.



Mas agora via mais longe.





Pensou na flor solitária que esperava sem ver, e percebeu: ela existia para esperar... mas também para perfumar, para doar-se, mesmo sem aplausos.

Pensou no relógio que marcava o tempo sem saber por quê, e entendeu: ele existia para lembrar que há um ritmo dado — e que viver também é aprender a esperar.



Pensou no poço, cavado por mãos invisíveis, e soube: ele existia para oferecer o que não se via — o frescor, o alívio...



Pensou na estátua imóvel, que só se movia ao toque, e compreendeu: ela existia para mostrar que o movimento não nasce do nada — e que o repouso também tem sentido.

Pensou no espelho flutuante, que mostrava mais que o rosto, e viu: ele existia para refletir a verdade — não a opinião que muda com os dias, mas o que permanece.



Pensou no viajante cheio de perguntas, e compreendeu: ele existia para lembrar que a busca precisa de humildade — e que, quando há sinceridade, até uma estrela silenciosa pode apontar o caminho.



E pensou, por fim, naquela
Presença que ele nunca viu, mas
que encontrou em tudo.

E então, soube por que existia:
para procurar com humildade, reconhecer
com alegria... e voltar com o coração cheio.

Fechou os olhos.

Sorriu.

E disse, bem baixinho:

— Obrigado por estar... mesmo quando eu
não sabia onde procurar.



O céu permaneceu escuro...



Mas cheio de estrelas.

A rosa abriu os olhos devagar.

E o Pequeno Príncipe lembrou... de algo
que ouvira em algum lugar.

Uma frase simples.

— O essencial é invisível aos olhos — ele
disse, em voz baixa.



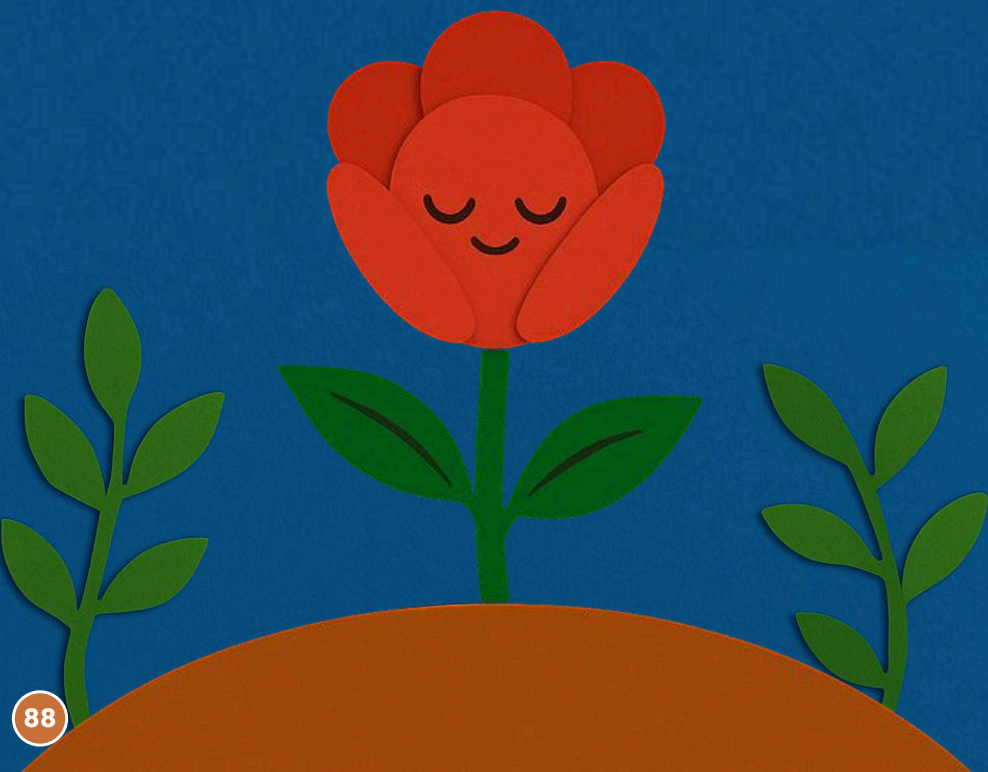


Agora ele sabia por quê.
Porque o essencial não é menor do que se
vê.

É maior.



Invisível... não por ser vago, mas por ser
mais real que tudo o que brilha por fora.





O essencial não engana.
Não muda.
Não passa.
E, no fim, era isso que ele
tinha encontrado.



“O amor verdadeiro nos
ensina a ver o bem que os
olhos sozinhos não
alcançam.”





Sobre a autora

Escritora, graduada em Fonoaudiologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), com especialização em Neurociência na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, é professora substituta do Departamento de Fonoaudiologia da UFS.



Os melhores livros

Recomendados



01
A Revolução
dos Bichos

Avaliação 8/10



02
Dom
Casmurro

Avaliação 7/10



03
A
República

Avaliação 8/10



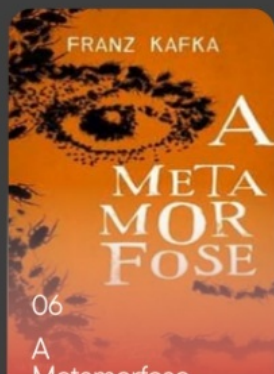
04
Alice no País
das Maravilhas

Avaliação 9/10



05
O
Alienista

Avaliação 8/10



06
A
Metamorfose

Avaliação 7,5/10

Escolha a sua próxima leitura!